



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NA ASSEMBLEIA GERAL
DA UNIÃO MUNDIAL DOS PROFESSORES CATÓLICOS (UMEC-WUCT)**

*Sala do Consistório
Sábado, 12 de novembro de 2022*

[Multimídia]

Discurso improvisado

*Estimado Sr. Cardeal
caros irmãos do Episcopado e do Sacerdócio,
Bom dia!*

Agradeço ao Presidente as suas palavras de saudação e a todos vós, que pertenceis à União Mundial dos Professores Católicos (UMEC). Saúdo e agradeço ao Cardeal Farrell, ao Arcebispo Dollmann que é o Assistente eclesiástico, aos demais Bispos presentes e ao Secretário do Dicastério para a Cultura e a Educação.

Reunistes-vos nestes dias aqui em Roma para a vossa Assembleia Geral, que deverá também eleger o novo Conselho internacional. Manifesto a minha gratidão aos membros do Comité de Presidência cessante pelo serviço fiel e generoso prestado durante muitos anos, na certeza de que o trabalho levado a cabo — com abnegação e grande paixão — dará frutos no futuro: trabalho para dar frutos!

Vivestes tempos não fáceis na vossa história recente, inclusive com momentos de dúvida e desânimo. Às vezes parecia quase como se já não houvesse condições para continuar, que se devia terminar. Mas graças a Deus, até nestes períodos de borrasca, perseverastes! Confiastes em Deus e no apoio da Igreja, continuastes a empenhar-vos num espírito de fé e de esperança

cristã. Tende a certeza: as sementes lançadas na esperança criam raízes e crescem sempre!

Também a umec, como muitas outras associações católicas, está diante do desafio da mudança geracional, que diz respeito particularmente aos dirigentes. Convido-vos a considerar esta exigência com um olhar positivo. A realidade nunca é estática, é dinâmica. E isto, naturalmente, é válido também para as agregações eclesiais: evoluem e desenvolvem-se com a mudança dos tempos, e cada mudança de época coloca-as diante de uma nova missão. Portanto, a renovação dentro de vós e nas funções de maior responsabilidade deve ser vista como o início de uma nova missão, como uma oportunidade para relançar vigorosamente as vossas atividades de serviço e de apoio às novas gerações de professores católicos, tanto dos que trabalham nas escolas católicas como dos que trabalham em instituições interconfessionais ou seculares.

A vossa União propõe-se encorajar e motivar todos estes professores, para que estejam plenamente conscientes da sua importante missão de educadores e testemunhas da fé, individualmente ou no âmbito de grupos de colegas. A tal propósito, propondes-vos ser uma rede de colegas de profissão e irmãos e irmãs na fé que, em espírito e estilo de amizade, acolhimento, conhecimento mútuo e crescimento espiritual comum, se colocam ao serviço de todos os professores católicos, para que preservem a sua identidade e cumpram a sua missão. Diria que nesta tarefa sois “colaboradores do Papa”: com efeito, a missão do Sucessor de Pedro é precisamente confirmar e apoiar os irmãos na fé (cf. *Lc* 22, 32). E assim, no mundo da escola, tornais presente o serviço da Igreja de corroborar na fé os professores católicos, para que possam desempenhar melhor o seu trabalho e o seu testemunho, em situações muitas vezes complexas tanto a nível relacional como institucional.

A presença de educadores cristãos no mundo escolar é de importância vital. E decisivo é o estilo que ele ou ela assume. Pois o educador cristão é chamado a ser plenamente humano e ao mesmo tempo plenamente cristão. Não há humanismo sem cristianismo. E não há cristianismo sem humanismo. Não deve ser espiritualista, em órbita, “fora do mundo”. Deve estar enraizado no presente, no seu tempo, na sua cultura. É importante que a sua personalidade seja rica, aberta, capaz de estabelecer relações sinceras com os estudantes, de compreender as suas necessidades mais profundas, as suas interrogações, os seus receios, os seus sonhos. E que também seja capaz de testemunhar — antes de mais com a vida e também com as palavras — que a fé cristã abraça todo o ser humano, tudo, que lança luz e verdade a todas as esferas da existência, sem nada excluir, sem cortar as asas aos sonhos dos jovens, sem empobrecer as suas aspirações. Com efeito, na tradição da Igreja a educação dos jovens teve sempre como objetivo a formação completa da pessoa humana, não apenas a instrução dos conceitos, a formação em todas as dimensões humanas (cf. Conc. Vat. II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, 48).

A respeito desta missão educativa, vós da umec sois chamados a apoiar professores de todas as idades, de todas as condições de trabalho: quer aqueles com longa experiência — ricos de

satisfações mas também de canseiras — quer as novas gerações, docentes animados pelo entusiasmo e desejo de trabalhar, mas com as fragilidades e incertezas que não raro marcam os primeiros anos de ensino. Todos estes professores — se olharmos para eles de uma perspetiva cristã, da qual eles próprios às vezes não estão plenamente conscientes — se encontram em condições de deixar uma marca, no bem ou no mal, na vida das crianças, adolescentes e jovens, que lhes são confiados durante muito tempo. Que responsabilidade! E que oportunidade para os introduzir, com sabedoria e respeito, nos caminhos do mundo e da vida, acompanhando as suas mentes a abrir-se ao verdadeiro, ao belo, ao bem. Sabemos, por experiência pessoal, como é importante ter bons professores e sábios educadores nos anos de formação!

Caros amigos, no vosso apostolado tendes justamente em conta que a arte de educar deve ser continuamente cultivada e enriquecida. Não é algo adquirido de uma vez por todas. E se isto é verdade para várias profissões, que requerem atualização, a do professor tem uma peculiaridade única: pois não se trabalha com *objetos*, mas com *sujeitos*! A educação tem a ver com seres humanos, e além disso na idade evolutiva. São pessoas que mudam de um ano para o outro, aliás, às vezes de um mês para o outro. Depois, os jovens de uma geração são diferentes dos da geração seguinte. Portanto, os educadores devem renovar-se constantemente nas motivações e formas de trabalho. Não podem ser rígidos. A rigidez destrói a educação. Na abordagem de diferentes grupos de alunos e estudantes, são chamados todos os anos a recomeçar de novo, a redescobrir a capacidade de empatia e comunicação. Neste sentido, a vossa tarefa consiste em ajudá-los a manter vivo o desejo de crescer com os seus estudantes, a encontrar as modalidades mais eficazes para transmitir a alegria do saber e o desejo de verdade, adotando linguagens e formas culturais adequadas aos jovens de hoje.

E sobre isto, permito-me salientar algo. Eu disse: “As linguagens adequadas às formas culturais de hoje”. Sim, mas prestai atenção às colonizações ideológicas. Uma coisa é estar com a cultura do momento, falar a língua do momento, outra coisa é deixar-se colonizar ideologicamente. Por favor: tende o cuidado de ensinar os professores a discernir o que é uma novidade que nos faz crescer e o que é uma ideologização, uma colonização ideológica. Hoje, as colonizações ideológicas destroem a personalidade humana e, quando entram na educação, causam desastres.

Gostaria de vos dirigir um último convite, que me é muito caro. A vossa União pode contribuir para sensibilizar os professores católicos a respeito do Pacto Global sobre a Educação. Como sabeis, esta iniciativa, que teve a adesão de muitas instituições educativas, visa «unir os esforços numa ampla aliança educacional para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e oposições, reconstruindo o tecido de relações para uma humanidade mais fraterna» (*Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo*, 12 de setembro de 2019). Confio no vosso compromisso de envolver os professores da umec neste projeto, que deseja colocar no centro a pessoa na sua dignidade e beleza, e as famílias como principais sujeitos da educação.

Caros irmãos e irmãs, encorajo-vos a olhar em frente com esperança e a dar novo impulso à União dos Professores Católicos. Há um grande trabalho e uma importante missão que vos esperam no mundo escolar. Que Nossa Senhora e os Santos e Santas educadores vos acompanhem e vos inspirem. Também eu estou convosco neste desafio — não como santo ou santa, mas como companheiro de luta. Abençoo-vos de coração e peço-vos, por favor, que oreis por mim. Obrigado!

Discurso entregue pelo Santo Padre

Queridos irmãos e irmãs!

Sinto-me feliz por saudar todos vós, participantes no Curso para Reitores e Formadores dos Seminários Latino-americanos, provenientes de quase todos os países do Continente e do Caribe. Incluo nas minhas saudações os colaboradores do Dicastério para o Clero, que organizou o curso.

Toda a formação sacerdotal, particularmente a dos futuros pastores, está no centro da evangelização, uma vez que nas próximas décadas serão eles, respondendo a uma verdadeira vocação específica, que animam e guiam o Povo santo de Deus, para que seja “em Cristo sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano”. Como é necessária uma formação de qualidade para aqueles que serão a presença sacramental do Senhor no meio do seu rebanho, nutrindo e cuidando dele com a Palavra e os Sacramentos!

Neste sentido, gostaria de salientar que a *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*, “O dom da vocação sacerdotal”, conserva a grande contribuição dada pela Exortação Apostólica *Pastores dabó vobis*, da qual este ano se comemora o trigésimo aniversário da publicação por São João Paulo II, após a VIII Assembleia Geral Ordinária dos Bispos, que abordou o tema “A formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais”. Esta exortação oferece explicitamente uma visão antropológica integral, que tem em consideração, de forma simultânea e equilibrada, as quatro dimensões presentes na pessoa do seminarista: humana, intelectual, espiritual e pastoral. Por outro lado, a própria *Ratio fundamentalis* reafirma a perspectiva do meu estimado antecessor, o Papa Bento XVI, que com o motu proprio *Ministorum institutio* salientou que a formação dos seminaristas continua, de forma natural, na formação permanente dos sacerdotes, constituindo ambas uma única realidade.

Gostaria também de salientar que uma das grandes contribuições da atual *Ratio fundamentalis* é que descreve o processo de formação de sacerdotes, desde os anos de seminário, a partir das quatro notas características da formação, que é apresentada como única, integral, comunitária e

missionária.

A este propósito, gostaria de sublinhar que a formação sacerdotal «tem um carácter eminentemente comunitário desde a sua origem; a vocação ao sacerdócio, de facto, é um dom que Deus dá à Igreja e ao mundo, uma forma de se santificar e de santificar os outros que não deve ser percorrida de forma individualista, mas tendo sempre como referência uma porção concreta do Povo de Deus» (*RFIS, Introdução*, n. 3).

Neste contexto, permiti-me salientar que um dos mais importantes desafios que as casas de formação sacerdotal enfrentam atualmente é ser verdadeiras comunidades cristãs, o que implica não só um projeto de formação coerente, mas também um número adequado de seminaristas e formadores para assegurar uma experiência verdadeiramente comunitária em todas as dimensões da formação. Este desafio requer com frequência um compromisso de criar ou consolidar seminários interdiocesanos, provinciais ou regionais. Esta é uma tarefa que os bispos devem realizar sinodalmente, de maneira particular a nível das conferências episcopais regionais ou nacionais, tarefa na qual sois chamados a colaborar com lealdade e proatividade.

Para tal finalidade, caros sacerdotes formadores, é necessário renunciar à inércia e ao protagonismo e começar a sonhar juntos, sem lastimar o passado, não sozinhos, mas unidos e abertos ao que o Senhor deseja hoje como formação para as próximas gerações de sacerdotes inspirados pelas atuais orientações da Igreja.

Fico contente que durante estes dias estejais a refletir sobre vários aspetos da formação inicial, habituando-vos à dimensão humana e à forma como esta se integra com as outras dimensões, ou seja, espiritual, intelectual e pastoral.

De facto, dentro da comunidade cristã, o Senhor chama alguns dos seus discípulos a serem sacerdotes, ou seja, escolhe algumas ovelhas do seu rebanho e convida-as a serem pastores dos seus irmãos e irmãs. Não devemos esquecer que nós, sacerdotes, fomos «escolhidos entre os homens... constituídos a favor dos homens como mediadores nas coisas que dizem respeito a Deus» (cf. *Hb* 5, 1). Somos “co-discípulos” dos outros fiéis cristãos e, precisamente por isso, partilhamos as mesmas necessidades humanas e espirituais, e ao mesmo tempo estamos sujeitos às mesmas fragilidades, limitações e erros.

Nos seminaristas, como em cada um de nós, interagem e coexistem dois aspetos que se devem integrar reciprocamente: os dons da graça e os traços da natureza ferida; o serviço que deveis prestar é precisamente unir ambas as realidades num caminho de fé e de maturação integral (cf. *RFIS*, n. 28).

É necessário prestar atenção, pois a vossa missão não é formar “super-homens”, que pretendem saber e controlar tudo e ser autossuficientes; pelo contrário, é formar homens que com humildade

seguem o processo escolhido pelo Filho de Deus, que é o caminho da encarnação.

Sim, em virtude da Encarnação do Filho de Deus, encontramos no nosso Mestre, Deus e verdadeiro homem, não apenas exemplos de humanidade renovada a imitar, mas também a possibilidade de entrar numa comunhão vital com Ele, da qual a nossa existência é curada e elevada a uma nova humanidade. O Senhor torna possível que o imitemos e sigamos os seus passos, ao comunicar-nos o dom da sua graça, capaz de transformar tudo o que somos: «alma, corpo e espírito» (cf. *1 Ts* 5, 23), segundo o seu plano de plenitude para cada um de nós.

Por conseguinte, a dimensão humana da formação sacerdotal não é uma mera escola de virtude, de crescimento da personalidade ou desenvolvimento pessoal, mas implica também e sobretudo uma maturação integral da pessoa fortalecida pela graça de Deus que, tendo em conta os condicionamentos biológicos, psicológicos e sociais de cada pessoa, é capaz de os transformar e elevar, especialmente quando a pessoa e a comunidade se esforçam por colaborar com ela de forma transparente e verdadeira. Em última análise, as motivações profissionais autênticas, isto é, o seguimento do Senhor e o estabelecimento do Reino de Deus, estão na base de um processo que é tanto humano como espiritual.

Neste sentido, uma das tarefas mais importantes no processo de formação de um presbítero é a leitura gradual e crente da própria história. Esta visão providencial do próprio caminho é o tema principal do discernimento pessoal e eclesial da vocação. De facto, cada seminarista primeiro, e cada sacerdote depois, com intensidades e matizes diferentes, deve atualizá-la continuamente, sobretudo nas circunstâncias mais significativas do próprio caminho sacerdotal (cf. *rris*, nn. 59 e 69). O confronto com aqueles que o acompanham neste processo, tanto no foro íntimo como externo, permitir-lhe-á superar qualquer tentação de auto-engano subjetivista e consentirá a avaliação de perspetivas muito mais amplas e objetivas.

Devemos estar cientes também do impacto formativo que a vida e o ministério dos formadores têm nos seminaristas. Os formadores educam com a sua vida, mais do que com as suas palavras.

Naturalmente, uma saudável maturação humana coerente com a consolidação da própria vocação e missão, que inclui a normal superação de dificuldades e períodos de crise, permite que o sacerdote formador renove constantemente a base sobre a qual assenta a sua configuração com Cristo, Servo e Bom Pastor, e dá-lhe os instrumentos mais eficazes para o exercício do seu serviço no seminário, tanto com os candidatos relativamente ao seu processo de discernimento, como com os outros formadores do grupo de formação e demais agentes de formação. De facto, a harmonia humana e espiritual dos formadores, particularmente do reitor do seminário, é uma das mediações mais importantes no acompanhamento formativo.

Um dos indicadores da maturidade humana e espiritual é o desenvolvimento e consolidação da

capacidade de ouvir e da arte do diálogo, que estão naturalmente ancorados numa vida de oração, na qual o sacerdote entra diariamente em diálogo com o Senhor, inclusive em momentos de aridez e confusão. No serviço que um sacerdote presta aos seus irmãos e irmãs, particularmente no trabalho de um formador, a disposição para ouvir e empatizar com os outros, mais do que um instrumento de evangelização, é precisamente o âmbito no qual esta germina, floresce e dá frutos.

Em suma, a vida do formador, o seu constante crescimento humano e espiritual como discípulo-missionário de Cristo e como sacerdote, sustentado e promovido pela graça de Deus, é sem dúvida o fator fundamental à sua disposição para dar eficácia ao seu serviço aos seminaristas e outros sacerdotes na configuração com Cristo, Servo e Bom Pastor. Na verdade, a sua vida testemunha o que as suas palavras e gestos procuram transmitir no diálogo e na interação com os seus interlocutores na formação.

Caros sacerdotes, estou consciente de que o serviço que prestais à Igreja não é simples e não raro desafia a vossa humanidade, porque o formador tem um coração cem por cento humano e às vezes pode experimentar frustração, cansaço, raiva e impotência; por isso é importante recorrer todos os dias a Jesus, ajoelhar-se e na sua presença aprender com Ele que é manso e humilde de coração, para que pouco a pouco o nosso coração aprenda a bater no ritmo do coração do Mestre.

As páginas do Evangelho, especialmente as que nos oferecem pinceladas da vida de Jesus com os seus discípulos, permitem-nos ver como Jesus sabia fazer-se presente ou ausente, sabia qual era o momento de corrigir ou o momento de elogiar, o momento de acompanhar ou a ocasião de enviar e deixar que os apóstolos enfrentassem o desafio missionário. Foi no meio daquelas que poderíamos definir “intervenções formativas” de Cristo, que Pedro, André, Tiago, João e os demais chamados se tornaram verdadeiros discípulos e gradualmente configuraram o seu coração com o do Senhor.

Anteriormente sublinhei o papel formativo do reitor do seminário em relação aos seus irmãos no grupo de formação e na corresponsabilidade de todos na própria formação sacerdotal. O reitor deve mostrar uma preocupação constante por cada um dos formadores, mantendo um diálogo aberto e sincero no respeitante à sua vida e serviço, sem negligenciar o eco daqueles aspetos mais pessoais dos quais depende frequentemente a superação dos problemas que possam surgir dentro do grupo formativo. Tende presente que os formadores são para o reitor do seminário os seus irmãos mais próximos, aos quais o exercício da caridade pastoral deve ser dirigido de uma forma privilegiada.

Por outro lado, a formação sacerdotal tem como instrumento privilegiado o acompanhamento formativo e espiritual de cada um dos formadores do seminário em relação a todos e a cada um dos seminaristas, de modo a assegurar-lhes um apoio amplo e variado da comunidade de

formadores, sem exclusivismos nem particularismos, podendo ser apoiados por sacerdotes de diferentes idades e sensibilidades, de acordo com as competências específicas de cada um, para que cada futuro pastor possa discernir e consolidar não só uma verdadeira vocação ao sacerdócio, mas também o modo pessoal e irrepetível que o Senhor traçou para o viverem e exercerem.

Outras pessoas que ajudam os seminaristas no seu crescimento humano e espiritual contribuem com o acompanhamento formativo. Os agentes responsáveis pelas experiências pastorais durante a formação inicial, especialmente os párocos, devem ser lembrados, assim como os peritos que são chamados a colaborar quando necessário (cf. *RFIS*, nn. 145-147).

Queridos formadores, uma vez mais expresso a gratidão da Igreja a vós por dedicardes a vossa vida e o vosso ministério aos futuros pastores, que serão vossos irmãos no presbitério e que, unidos e sob a orientação do bispo, lançarão as redes do Evangelho como autênticos pescadores de homens. Que Maria Santíssima, Mãe dos sacerdotes, vos encoraje e vos ampare na vossa missão.

Boa tarde e peço-vos, por favor, que não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado.